

“É o eletrobrega a sensação”: brega, tecnobrega e gostos de classes

Autoras: Francielle Paschoanelli Silva (IC) e Rita de Cássia Lahoz Morelli (PQ)

Resumo

Este trabalho tem como proposta a investigação sobre as circunstâncias em que se dão as apropriações por setores sociais médios e altos de gêneros musicais consumidos por públicos populares, associados à renda e escolaridade baixas e ao “mau gosto”. Para tanto, utilizou-se como referência a trajetória da Banda Uó, grupo de Goiânia radicado em São Paulo que fez uso do tecnobrega paraense como base para suas primeiras músicas.

Palavras chave: Tecnobrega, gostos de classes, apropriação cultural

Introdução

O tecnobrega é um gênero musical popular paraense que surgiu nos anos 2000 com objetivo de baratear a produção, substituindo instrumentos acústicos por batidas eletrônicas computadorizadas¹. Conhecido como a versão eletrônica da música brega da década de 1970, é comumente associado ao público de escolaridade e renda baixas e ao mau gosto, sendo considerado um subproduto cultural. Defendendo que a cultura se mantém como atributo do ser humano mesmo quando ele está afastado das formas mais institucionalizadas do saber², pressupomos que o tecnobrega deva ser considerado, ao contrário, como parte da cultura de seus praticantes e consumidores. Pertencentes a um grupo social diferente dos que produzem o tecnobrega no Pará, mas utilizando essa referência como base para sua música, a Banda Uó, em lugar do estigma comumente sofrido por gêneros populares, tem ganhado status de Cult por um público alternativo de classes mais altas, sobretudo porque sua proposta musical mantém uma relação distanciada e consciente do brega, com uso de piadas, palavrões e exagero com intenção de divertir o público.

Resultados e Discussão

Visando entender o interesse desse público alternativo pelo tecnobrega, fez-se uso de método qualitativo que consistiu em observação participante de festas alternativas de Campinas, frequentadas pelo público da Banda Uó, em locais onde shows do grupo já foram realizados. Foi também recuperado material de entrevistas concedidas pelos componentes da banda em páginas da internet e participações em programas televisivos. E estão sendo agora contatados seguidores da página da banda na Internet.

Peterson³ afirma que o consumo estatutário das elites deixou de ser o de um produto supostamente “superior” e adquiriu o caráter de uma apropriação onívora. Galletta⁴ chama atenção para a influência cosmopolita aberta para diversas tradições musicais que caracteriza a cena independente paulistana da qual a Banda Uó faz parte. Amaral⁵ reconhece o tecnobrega como música cosmopolita na medida em que tem como referência vários ritmos e tendências estrangeiras.

Conclusões

O que o trabalho de campo revelou até agora é que o interesse do público alternativo pelo tecnobrega da Banda Uó já é um interesse estatutariamente diferenciado em relação ao interesse popular pelo tecnobrega paraense, uma vez que banda e público praticam o tecnobrega como diversão, estabelecendo um distanciamento humorístico em relação ao sofrimento amoroso, temática recorrente do brega que constitui para os outros motivos de envolvimento emocional com a música.

Agradecimentos

Ao PIBIC/Cnpq.

¹BARROS, Lydia. Tecnobrega, entre o apagamento e o culto. *Contemporânea*, nº12, 2009.

²MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. *Indústria Fonográfica: um estudo antropológico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

³PETERSON, Richard A.; KERN, ROGER M. *Changing Highbrow Taste: From Snob to Omnivore*. *American Sociological Review*, vol. 61, No. 5 (Oct., 1996), 900-907.

⁴GALLETTA, Thiago Pires. *Cena musical independente paulistana – início dos anos 2010: a “música brasileira” depois da internet*. Campinas, SP: [s.n.], 2013.

⁵AMARAL, Paulo Murilo Guerreiro. *Estigma e cosmopolitismo na constituição de uma música popular urbana de periferia: etnografia da produção do tecnobrega em Belém do Pará*. Porto Alegre, RS: [s.n.], 2009.